

MEMÓRIAS DE MIGRANTES: (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM SITUAÇÃO DE FRONTEIRAS¹

Andressa Szekut²
Samuel Klauck³

RESUMO: O artigo traz reflexões pautadas nas memórias de migrantes brasileiros que se fixaram no distrito de Santa Rita, região oriental do Paraguai, no último quartel do século XX. Tem como objetivo analisar as (re)construções memoriais e identitárias relacionadas ao pertencimento em situação de fronteira dos migrantes brasileiros que se fixaram no Paraguai. As análises amparam-se em dados de 14 entrevistas semiestruturadas levantadas na pesquisa de campo e cotejadas à pesquisa bibliográfica seguindo a temática da migração para o Paraguai. Sustentam as interpretações referenciais teóricas distintos em uma ação interdisciplinar, pois entende-se que a ruptura com os paradigmas disciplinares ultrapassa uma construção integrada entre duas ou mais disciplinas. As principais abordagens teóricas e metodológicas partem dos campos da Antropologia Social e da História, do individual ao social, para chegar às discussões sobre o coletivo e analisar os processos e as (re)construções memoriais, com foco no contexto de migração. Os resultados permitem perceber que, por meio das experiências vividas em situação complexa de mobilidade e fixação, estes migrantes utilizam-se de memórias como ferramenta para reordenar o sentimento de pertencimento de acordo com as novas experiências e o novo quadro social, para atender a necessidade de coerência e continuidade de identidade em situação de fronteiras.

Palavras-chave: memória, identidade, migração, fronteiras

MEMORIES OF MIGRANTS: (RE)CONSTRUCTION OF IDENTITIES IN THE CONTEXT OF BORDERS

ABSTRACT: This paper presents reflections based on memories of Brazilian migrants who settled in the district of Santa Rita, eastern region of Paraguay, in the last quarter of the 20th century. It aims to analyze these migrants memorial and identity (re)constructions related to belonging in a border situation. The analysis is based on data collected from 14 semi-structured interview surveys conducted in the field and compared to bibliographical research on migration in Paraguay. Interpretations are supported by distinct theoretical referential in an interdisciplinary action, as it is understood that the rupture with disciplinary paradigms goes beyond an integrated construction between two or more disciplines. The main theoretical and methodological

¹ Este artigo é parte do resultado da pesquisa de Doutorado de Andressa Szekut, realizada com bolsa CAPES e defendida em 2018 no programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, na Universidade Federal de Pelotas.

² Bolsista de pós-doutorado CAPES no programa de pós-graduação em Sociedade Cultura e Fronteiras – UNIOESTE. Docente do curso de Turismo – UNIOESTE. Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural - UFPEL, Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Especialista em Gestão e Projetos em Turismo, e Bacharel em Turismo. andressaszekut@gmail.com.

³ Doutor em História. Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteira da UNIOESTE. samucl98@msn.com.

approaches begin in the fields of Social Anthropology and History, from individual to social, to reach discussions about social group, and analyze memorial strategies and (re) constructions, focusing on the context of migration. The results allow us to realize that, by going through experiences living in a complex situation of mobility and fixation, these migrants use memories as a tool for adapting the feeling of belonging according to the new experiences and the new social framework, to meet the need of coherence and continuity of identity in a borders situation.

keywords: memory, identity, migration, borders.

INTRODUÇÃO

A assertiva que nos trás Joel Candau de que “A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada” (CANDAU, 2011, p. 16); associada a compreensão de que esta é uma constante construção social, que ocorre de acordo com os interesses de definição das representações das coletividades, e é geradora de sentimento de pertencimento e continuidade (Cf. HALBWACHS, 1990; CANDAU, 2011; POLLAK, 1992, 1989), norteia a construção deste estudo. Assim, pautado em uma experiência de colonização recente, na região oriental do Paraguai, conjectura-se que os processos memoriais são intensos, onde os diferentes grupos que interagem se organizam em busca de manter laços de continuidade com a origem e, ao mesmo tempo, criar vínculos com o novo espaço, formar e fortalecer uma coletividade, redefinir-se a partir de seleções, e legitimar representações. Ações permeadas por relações de poder e de definições de representações (Cf. BOURDIEU, 2001).

Com o objetivo de compreender esses processos memoriais, foi feito trabalho de campo em uma região de colonização recente, com observação participante entre fevereiro e julho de 2015, quando um dos autores residiu e vivenciou atividades diversas em Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. Neste artigo analisam-se dados de 14 entrevistas semiestruturadas levantadas na pesquisa de campo. Estas foram gravadas em áudio, autorizadas e transcritas para as análises realizadas. Além disso, recorre-se a pesquisa bibliográfica seguindo a temática da migração para o Paraguai. Faz-se um recorte dessa pesquisa, com o objetivo de analisar as (re)construções memoriais e identitárias relacionadas ao pertencimento em situação de fronteira, pelos migrantes brasileiros que se fixaram no Paraguai.

A formação do *distrito* de Santa Rita insere-se no processo de colonização recente do Paraguai, empreendido durante o governo do general Alfredo Stroessner (1954-1989). Esse presidente impulsionou a reforma agrária e a colonização em seu país, sob a justificativa de promover a expansão agrícola na região oriental, em uma área de mata considerada desabitada na qual a agricultura traria progresso. Um processo de expansão das fronteiras agrícolas semelhante ao que ocorria no restante da América Latina, estimulado por políticas e empresas internacionais que visavam a expansão do agronegócio. Stroessner incentivou a migração de nacionais de outras regiões do Paraguai com um projeto de reforma agrária e, ao mesmo tempo, abriu a fronteira para a entrada de migrantes brasileiros no país. Essas ações ocorrem por diversos fatores como a aproximação política entre Brasil e Paraguai e a expansão agrícola que incidia em âmbito mundial (Cf. ALBUQUERQUE, 2009; SILVA, 2005; COSTA, 2009; SPRANDEL, 1992; FERRARI, 2009; FABRINI, 2012; VASQUEZ, 2006).

Migrantes brasileiros e paraguaios chegam à região de colonização, região Oriental do Paraguai, com distintos referenciais de memórias e entram em relação direta e indireta para a construção do espaço. Portanto, a formação do espaço é permeada por seleções e legitimações de memórias e representações dos sujeitos e coletivos que participam do processo. Conjectura-se assim, que a análise das memórias compartilhadas e das representações constituídas na região pode mostrar as (re)construções memoriais e identitárias empreendidas e as relações sociais estabelecidas.

Nesse sentido, analisam-se primordialmente memórias e representações da migração brasileira no Paraguai. No recorte, recorreremos a referenciais teóricos distintos em uma ação interdisciplinar, pois entende-se que a ruptura com os paradigmas disciplinares ultrapassa uma construção integrada entre duas ou mais disciplinas (FAZENDA, 2008). A fim de obter uma análise abrangente, de caráter holístico as principais abordagens teóricas e metodológicas partem dos campos da Antropologia Social e da História, do individual ao social, para chegar às discussões sobre o coletivo e analisar os processos e as (re)construções memoriais, com foco no contexto de migração.

MEMÓRIAS E IDENTIDADES

As acepções de Maurice Halbwachs (1990) – que parte de uma visão sociológica – apontam que a memória é um fenômeno social, uma construção que se faz a partir de referências do passado associadas a quadros sociais. Nessa perspectiva, o autor relaciona quadros sociais a um sistema de representações no qual a memória é feita de imagens, esquemas do passado relacionados às experiências sociais afetivas. Compreende-se, assim, que a memória é formada a partir dos quadros sociais em que o indivíduo está inserido. Logo, o seu afastamento de um grupo tem como consequência a diminuição de referenciais comuns compartilhados, e sua inserção em outro grupo gera um novo quadro de memória. Nesse contexto, a memória individual está ligada a representações coletivas, a necessidade de uma comunidade afetiva e a um traço de identificação, para evocar uma lembrança. Portanto, memória individual é sempre um ponto de vista social.

Em sua obra, *A Memória Coletiva*, Halbwachs mostra diferentes quadros de relações sociais (linguagem, família, religião, classes sociais) e aponta que cada indivíduo compartilha referenciais particulares que conferem pertencimento ao grupo. Para a manutenção da memória de um grupo, ele diz que “o essencial é que os traços pelos quais ele se diferencia dos demais subsistam e que estejam assinalados por todo o seu conteúdo” (HALBWACHS, 1990, p. 89). Ao observar os migrantes brasileiros em Santa Rita, conjectura-se que configuram quadros de relações sociais, que compartilham referenciais de memórias comuns. Entende-se que esses quadros sociais não são homogêneos, mas que os sujeitos partilham traços, como a origem brasileira e a migração e fixação neste espaço.

Nessa lógica, Michael Pollak aponta que memória pode ser “[...] um elemento constituinte de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou um grupo em sua reconstrução em si” (POLLAK, 1992, p. 204). Isso leva à compreensão da memória como formadora de identidade. Ideia corroborada por Joel Candau:

A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma a

outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2011, p. 16)

O autor mostra que a memória é formadora da identidade, e que essa é uma construção constante e estratégica das representações que queremos de nós. Ele afirma que memória é, sobretudo, esquecimento, pois se forma por uma seleção constante. Assim, Candau (2011), como Pollak (1992), destaca que a memória é responsável pela construção de uma continuidade temporal, o que, para ele, é condição necessária da representação da unidade do “eu”, consciência de si. Sendo assim, a narrativa da memória, a identidade narrativa, é sempre uma construção no presente sobre o passado. “Em suma, a imagem que desejamos dar de nós mesmos a partir de elementos do passado é sempre pré-construída pelo que somos no momento da evocação” (CANDAU, 2011, p. 77). O autor destaca que, mesmo a memória sendo reconstruída a partir do presente, existe um núcleo de sentimentos constituídos por elementos do passado relativamente estabelecidos que mantém coerência nas construções narrativas do “eu” de acordo com os referenciais coletivos em que se insere. Mais uma vez se afirma o aspecto social da memória. Dessa forma, percebe-se que o jogo de memória não é puramente individual, “[...] é um tecido memorial coletivo que vai alimentar o sentimento de identidade” (CANDAU, 2011, p. 77).

Candau expõe os jogos de memória como a dinâmica pela qual os indivíduos se constituem e constituem suas coletividades. Esses jogos têm como base as noções de transmitir, receber, fundar e constituir. Segundo o autor, esse é um processo constante que elabora ações antevendo resultados para as relações sociais.

Portanto, o trabalho da memória ou o jogo da memória, como processo de construção social constante leva novamente às influências das relações sociais nos processos memoriais. O que a princípio parece problemático pela instabilidade que pode derivar das relações sociais, também é o que possibilita entender a formação de grupos a partir de novas experiências e expectativas. E é nesse sentido que se pode considerar que migrantes brasileiros que se fixam em uma mesma localidade no exterior compartilham memórias, pois, mesmo que não constituam uma homogeneidade, estão inseridos em um mesmo processo de fricções e adaptações; compartilham experiências, trocas e expectativas; e estabelecem relações sociais de proximidade frente ao diferente.

Candau (2011) mostra que memória e identidade coletiva são retóricas holistas, que têm problemas de generalizações, mas que podem ser pertinentes de acordo com a interação do grupo a partir de discursos metamemoriais. Assim, ao abordar a memória como coletiva, considera-se a fragilidade do conceito, mas mesmo assim, permite analisar as representações constituídas pela coletividade a partir do compartilhamento de traços comuns, construções de discursos sobre o coletivo que os integra e diferencia, como o fato de serem imigrantes brasileiros. Dessa forma, quando se refere aos migrantes brasileiros em Santa Rita, não os concebe como grupo organizado e homogêneo, mas como um segmento social que partilham de experiência comum, memórias e constroem representações que os definem naquele espaço, constituindo identidades.

Tilley (2006) e Hall (2006) argumentam sobre identidades nessa mesma perspectiva, entendendo-as como relacionais, situacionais e em constante movimento. Hall (2006) indica que a identidade é formada ao longo do tempo, sempre em processo, no qual o sujeito assume diferentes identidades em distintos momentos, de acordo com os diversos grupos dos quais participa. Não se fala, assim, em identidades fixas, mas sempre em movimento (TILLEY, 2006), o que denota observar as representações que as constituem dentro do tempo e do espaço que as circundam, e considerar o ambiente de múltiplas interações e (re)construções em que a pesquisa se insere.

Nesse sentido, as identidades coletivas – segundo Candau (2011), resultam de jogos sutis produzidos nos quadros de relações, reações e interações sociais – das quais emergem o sentimento de pertencimento e geram fronteiras sociais. Assim, a experiência compartilhada e a definição de representações podem constituir uma coletividade que divide a mesma identidade, definindo o “nós” e o “outro”. E, ao se constituir um grupo, ocorre uma classificação e produção de diferença, isto é, fronteiras.

De acordo com Bourdieu (2001), a delimitação de fronteiras – tanto materiais, como simbólicas – são atos premeditados que pretendem delimitar e se fazer reconhecer frente ao outro. Assim, entende-se a fronteira como algo não fixo, mas moldado de acordo com as percepções e construções dos indivíduos que vivem em um espaço de interconexão sociocultural, econômico e territorial. E dessa forma, nesta análise, traz-se as interconexões e transposições de fronteiras, tanto físicas quanto simbólicas, nas (re)construções memoriais de migrantes.

Retoma-se a ideia de que memória não significa trazer o passado ao presente como algo fixo, uma reconstrução perfeita do fato, mas sim como algo reconstruído a partir do presente vivido (TEDESCO, 2012), e que “[...] a lembrança não é imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida” (CANDAU, 2011, p. 65). A perspectiva de (re)construção no presente apoia-se na necessidade de continuidade e coerência na construção do “eu”, que – em uma situação de mudança espaço-temporal, como a gerada pela migração dos brasileiros em Santa Rita – utiliza-se da memória para manter seus vínculos e ao mesmo tempo reestruturar seus referenciais em busca da manutenção e/ou reorganização de sua identidade, tanto individual quanto coletiva.

Dessa forma, entende-se que o processo de migração de brasileiros no Paraguai gera rupturas e continuidades espaciais, temporais, culturais, sociais, entre outras. E que a memória é uma ferramenta utilizada nesse processo para reordenar o sentimento de pertencimento de acordo com as novas experiências e o novo quadro social, para atender a necessidade de coerência e continuidade. Portanto, as contribuições teóricas trazidas aqui, servem para analisar a memória e as representações dos migrantes fixados em Santa Rita. O que leva a considerar a memória como o resultado de construções sociais, evidenciada a partir das representações e imagens constituídas pelos sujeitos sobre si.

AS (RE)CONSTRUÇÕES MEMORIAIS DE MIGRANTES BRASILEIROS EM SANTA RITA

O Paraguai tem uma superfície de 406.752 km² e é dividido pelo Rio Paraguai em duas regiões: ocidental (61% do território nacional) e oriental (39% do território nacional), com diferentes formações geográficas e sociais. O país está organizado em 17 *departamentos* que se subdividem em *distritos* e um *Distrito Capital*, Assunção, sede dos poderes do Estado. No Paraguai, os termos *distrito* e *departamento* são divisões político-administrativas que, respectivamente, equivalem às categorias de *município* e *estado* no Brasil. Atualmente, a principal concentração da população estrangeira no país se encontra na região oriental e, especialmente, no *departamento* de Alto Paraná, onde o *distrito* de Santa Rita está localizado (ODDONE, 2011).

Desde o início da colonização da região oriental do Paraguai, milhares de brasileiros migraram para o país – principalmente através da fronteira de Foz do Iguaçu com *Ciudad del Este*, e da fronteira seca do atual Mato Grosso do Sul – fixando-se perto dos limites fronteiriços entre os dois países. Há divergências sobre o número de brasileiros que se fixaram na região variando as estimativas entre 200.000 e 500.000 pessoas (SILVA, 2005; SOUCHAUD, 2007; SPRANDEL, 1992, CARRÓN e SILVA, 2006). Apesar do número aparentemente incerto de brasileiros residentes no Paraguai, segundo o censo de 2012 a população total do país era de aproximadamente seis milhões e meio de pessoas. O que indica que o fluxo desses migrantes é relevante para a demografia paraguaia.

Santa Rita é um *distrito* localizado na porção central do *departamento* de Alto Paraná, a aproximadamente 70 quilômetros da tríplice fronteira com o Brasil e a Argentina. Esse município está inserido no contexto de colonização oficial do Paraguai desde as décadas de 1960 e 1970, ação empreendida pelo então presidente General Alfredo Stroessner.



Figura 1 – Localização do município de Santa Rita.

Fonte: Disponível em: <http://assets.panda.org/img/original/santa_rita3.jpg> acesso em: 24/02/2017.

Santa Rita, outrora conhecida como *Santa Rita del Monday*, está situada em uma zona onde predomina o bioma Mata Atlântica próxima à fronteira com o estado brasileiro Paraná e da *provincia* argentina Misiones. Trata-se de um dos lugares do território nacional paraguaio que mais recebeu fluxos de migração brasileira nas últimas décadas, sobretudo de pessoas oriundas da região Sul. A maioria delas é constituída por descendentes de europeus

que vieram para o Brasil a partir da segunda metade do século XIX, no contexto da colonização oficial de áreas localizadas nos estados do Paraná, Santa Catarina e, principalmente, Rio Grande do Sul. Esse processo está associado a uma ação oficial de colonização e (re)aproximação política entre Brasil e Paraguai, ocorrido no contexto de regimes militares que marcaram a história de Estados-nações.

Em Santa Rita, de acordo com os materiais estudados e com informações obtidas no trabalho de campo, os primeiros migrantes chegaram no ano de 1973, quando o espaço era de mata fechada. Toda a região era uma grande área que foi vendida, ou “cedida”, em parcelas para companhias colonizadoras particulares – brasileiras, paraguaias, e outras –, exceto algumas áreas colonizadas pelo próprio IBR (*Instituto de Bienestar Rural*), que, a princípio, estavam reservadas a camponeses paraguaios e às áreas de reserva indígena (SZEKUT; EREMITES DE OLIVEIRA, 2015, 2016, 2017).

Segundo dados divulgados pela DGEEC – Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos (2015), órgão do governo paraguaio, em 2012 a população local era de 26.281 habitantes, com projeção de 29.348 moradores para o ano de 2016. Contudo, informações obtidas em 2015 na secretaria geral da *municipalidad* (prefeitura), à época Santa Rita teria uma população estimada em 35.000 pessoas, e se considerava que aproximadamente metade dessa população era de imigrantes brasileiros. Dados assim, aparentemente conflitantes, revelam certa idiosincrasia demográfica no que diz respeito às estimativas oficiais para a população santarritenha.

O contexto de migração e fixação de brasileiros no Paraguai, e as configurações de suas reproduções – socioculturais, políticas e econômicas – mostram como estes sujeitos estabelecem complexas relações de pertencimento e continuidade com o país de origem e o país de fixação. A proximidade com a fronteira do Brasil, os laços familiares mantidos nesse país, a fixação de representações socioculturais no país de fixação, e as práticas agrárias reproduzidas se somam para manter vínculos com o Brasil. Já as experiências vivenciadas no Paraguai, com o compartilhamento de símbolos do país, a reprodução familiar e de redes de sociabilidade, e a construção de capital (econômico, político e simbólico), se somam para constituir o vínculo com o Paraguai.

Nesse sentido, a relação passado-presente, enquanto característica de rememoração em uma perspectiva de fronteira, torna-se uma vivência

antagônica. No caso dos brasileiros, temos os fronteiriços que deixam o País de origem, por sentirem necessidade de migrar; ao chegarem ao local de destino, incorporam antigas formas de vida do local de saída, dão antigos nomes a lugares novos, praticam formas de relações sociais que faziam parte de seu local de vida anterior. Muitas vezes são incapazes, ou resistem a novas produções de relacionamentos com as pessoas que vivem no novo local de destino. Tais apreensões dão início a um complexo e difícil processo de adaptação, pois grande parte daquilo que se tentou deixar para trás é vivenciado cotidianamente no novo local. Quando existe proximidade territorial entre os diferentes países, como é o caso de Brasil e Paraguai, a questão ainda é mais visível, posto que os subsídios materiais acompanham as práticas sociais, a partir disso são construídos, no novo local, dentro de outro país, prolongamentos da vida que antes era vivida no Brasil. (BALLER, 2014, p. 262)

Leandro Baller (2014) estudou a área fronteiriça entre Brasil e Paraguai, também cita as complexas relações dos migrantes brasileiros com o país de origem e o país de fixação. As questões de fronteiras e as (re)construções memoriais são aspectos centrais nas reorganizações identitárias dos migrantes no novo lugar de fixação. Estes não mantêm suas identidades intactas, e tampouco as transformam completamente. Nota-se constantes processos de incorporações e adaptações de referenciais do novo local e, ao mesmo tempo, afirmações de representações do local de origem. Um desses exemplos é a construção material e simbólica do CTG Índio José em Santa Rita, que difunde uma cultura regionalista brasileira na região a partir de práticas e costumes, como música, dança, gastronomia, e comemorações (SZEKUT, 2018).

Devido à localização de Santa Rita, a 70 km da fronteira com o Brasil, o limite fronteiriço com o país de origem não é imediato, mas tampouco é distante o suficiente para se vivenciar uma realidade socioeconômica completamente distinta, principalmente, com infraestrutura de transporte e comunicação avançada, e em uma realidade de agronegócio transnacional. Sobre os aspectos de ligação com o Brasil na região, Miguel Petter - morador local - diz,

No começo a moeda que era usada aqui era o cruzeiro. Na comunidade aqui de Esquina Gaúcha até hoje a ata é escrita em português, ela não é válida para reconhecer uma diretoria, daí tem que traduzir para o castelhano. Mas o português ficou como um idioma muito falado aqui dentro, porque a gente está morando na fronteira e desde o começo para você divulgar uma festa, uma promoção, você ia na rádio de Foz, aqui não havia rádios. Quando você precisava comprar qualquer coisa, uma enxada, um facão, uma motosserra, você tinha que se dirigir a Foz do Iguaçu.

Hospital, você tinha que recorrer a Foz do Iguaçu. Então esse laço ficou. A gente não conseguiu se desprender do Brasil, da pátria mãe. (MIGUEL PETTER, 2015)

A relação e dependência com o Brasil no início da fixação dos migrantes na região de colonização – que era motivada pela falta de infraestrutura e comércio local – mostra uma das formas de manutenção do vínculo com a “pátria mãe”, conforme relata Miguel. O uso da moeda brasileira era feito, principalmente, através da colonizadora, que a princípio vendia os terrenos nessa moeda, mas logo, com o crescimento do comércio local, a moeda nacional foi incorporada na região. O comércio e os cuidados com a saúde são atividades realizadas, na atualidade, nos dois países. Muitos usam os serviços médicos nacionais, enquanto outros ainda buscam esses serviços no Brasil, por diferentes motivos. Já a relação com o comércio é situacional, pois toda a população regional utiliza-se das variações cambiais e das facilidades de ofertas de produtos e serviços dos diferentes países. Dessa forma, há um fluxo constante entre Paraguai e Brasil. Por exemplo, algumas clínicas médicas nas cidades fronteiriças brasileiras têm telefone com linha paraguaia para atender ao público estrangeiro, e até *outdoors* de promoções em algumas cidades do Paraguai. Outro exemplo é a educação, pois muitos moradores da região, migrantes e descendentes, em geral, buscam cursos técnicos, universitários e de capacitação em cidades brasileiras. Contudo, apesar de ocasionalmente buscarem produtos e serviços no Brasil, os sujeitos continuam com sua residência e atividades cotidianas no Paraguai.

Outro aspecto importante nas práticas fronteiriças é o da política. Com uma grande população migrante no país vizinho, durante períodos eleitorais, candidatos brasileiros fazem campanha no Paraguai. Com pôsteres, reuniões com migrantes e até incentivos econômicos e de transporte – com carros disponíveis para levar eleitores pela fronteira. Fatos recorrentemente citados pelos interlocutores. Por exemplo, em Foz do Iguaçu, e em outras cidades da fronteira brasileira, frequentemente algum candidato é eleito, com auxílio dos votos de migrantes residentes no Paraguai. As demandas desses eleitores são geralmente de saúde e segurança social, bem como garantias para manter um trânsito seguro na fronteira, o que aponta as relações de poder transnacionais. Contudo, esta é uma atividade que vem diminuindo, com a regulamentação das documentações dos migrantes e controle dos colegiados eleitorais. De qualquer forma, percebe-se que os migrantes brasileiros no Paraguai acompanham e são ativos na vida política dos dois países.

Nesse contexto, os meios de comunicação na região contribuem para a transposição das fronteiras. Pois nas rádios de Santa Rita, apesar de que cada uma tem suas características particulares, todas têm programas nos três idiomas: português, castelhano e guarani. Estas programações são bastante diversificadas, com músicas nacionais e internacionais, principalmente brasileiras. E nesse mesmo sentido, em toda região, usa-se assistir às redes de televisão brasileiras. É recorrente nas residências e comércios de Santa Rita ouvir televisão ou rádio com programações em português, o que mostra uma ligação constante com o Brasil. Assim como, o frequente uso do português, de forma naturalizada, conforme já citado anteriormente.

Nesse contato com a fronteira, algumas famílias mantêm residência em ambos os países, ou têm um parente próximo no país vizinho. Dentre os interlocutores entrevistados, três migrantes possuíam residência no Paraguai e no Brasil. E por exemplo, muitos migrantes brasileiros que retornaram do Paraguai para o Brasil estão estabelecidos na região fronteira para manter contato fácil com o Paraguai. Esse é o caso de muitos familiares dos interlocutores entrevistados, que regressaram para o Brasil, mas não para a cidade de origem, e sim para: Foz do Iguaçu, Santa Terezinha de Itaipu, Marechal Cândido Rondon, Toledo, Itaipulândia, entre outras cidades próximas a fronteira. Por exemplo, Leontina Deuner disse, “Metade de Santa Terezinha é gente daqui que voltou, por causa de doenças e velhice.” Os motivos de regresso ao Brasil são diversos, mas na sua maioria por doença de algum membro da família ou velhice, pois no Brasil, têm acesso a atendimento pelo Sistema Único de Saúde - SUS e a aposentadoria.

Assim, o vínculo dos migrantes com o Brasil é reafirmado e mantido, conforme vê-se na fala: “Nós temos relações com nossos familiares no Sul, onde eles moram, e usamos também algumas influências comerciais que a gente tem lá que possam servir” (JAIME HAMMES, 2015). Como este, todos os interlocutores relataram fazer visitas esporádicas aos familiares no Brasil. Nesse contexto, percebe-se que o vínculo familiar ainda é o principal vínculo estabelecido com o país de origem. Ele une a fixidez e a mobilidade da família, dos parentes que se espalham por meio da migração. Este vínculo não se limita a uma relação bilateral, entre local de fixação e local de origem, mas segue a rede de migração dos familiares: entre os que se fixaram em diferentes localidades e os que continuam a mobilidade, o que forma um grande campo social transnacional.

“Cada vez que eu vou para o Rio Grande eu tenho que ir lá na casa onde nós morávamos, mas o pai vendeu tudo lá. [...] Tem que ir lá ver e matar a saudade, mas voltar para lá não.” (risos) (TEREZINHA BIRNFELDT). Este relato, mostra a nostalgia da rememoração do lugar vivido e a afirmação do vínculo familiar naquele espaço, como forma de afirmar uma continuidade, mas ao mesmo tempo, há um pertencimento com outro lugar, no caso o Paraguai. Há a saudade – como a retratada por Bela Feldman-Bianco (1996) – e também há a mobilidade – como a retratada por Denise Jardim (2000). A saudade do vivido mostra-se nas (re)construções de representações da origem no novo espaço de fixação, com uma reconfiguração identitária. E a mobilidade se afirma nas redes de migração, na continuidade apesar da mudança sociocultural.

Isso pode ser percebido na fala de um morador. Segundo ele:

Eu formei uma família, formei amigos, tenho minhas propriedades, me sinto bem aqui no meio do nosso povo, porque agora é o nosso povo aqui. Se eu voltar para o Brasil, vou ter que fazer novas amizades. E a adaptação, talvez tarda mais. É esse motivo. Claro, gosto de visitar meu país, gosto de visitar o Brasil, foi minha terra, onde eu nasci, onde eu me criei, onde eu ganhei experiência de vida, mas, no momento, agora a gente tem que abraçar essa pátria que é o Paraguai. (FRANCISCO MESOMO, 2015)

Assim, nota-se um processo no qual memórias são instrumentos de construções de vínculos de pertencimentos a múltiplos espaços e pessoas. Todas as experiências vividas compõem o quadro de memórias individuais e também compartilhadas. E os migrantes fazem, dessa forma, a complexa costura entre referenciais do passado e do presente, com rememorações, enquadramentos e silenciamentos. Para isso, elementos de construção de imagem são ressaltados nas narrativas. Percebido, por exemplo, na parte da fala acima em que Francisco diz “[...] me sinto bem aqui no meio do nosso povo, porque agora é o nosso povo aqui [...]”, pois é um discurso de pertencimento a essa sociedade a partir da experiência vivida ali.

Assim, notam-se discursos de apropriação ao território paraguaio, que foram relatados pela grande maioria dos migrantes entrevistados. As narrativas, os referenciais no espaço e suas atividades mostram uma nova territorialidade. O que pode ser visto, por exemplo, na fala de Protásio quando se refere ao não querer sair do Paraguai:

Eu acho que depois que a gente viveu quase 40 anos em um lugar. E que a gente sempre gostou, sempre foi bem acolhido, se deu bem na vida social, econômica. Eu acho que não tem nenhum motivo pra gente pensar em sair daqui. Meus filhos estão todos vivendo aqui, meus netos, meus amigos, meus melhores amigos estão aqui. Minha esposa também. De manhã ela faz o seu serviço e de tarde joga seu baralhinho. Isso eu acho bom, quando você chega a uma idade que você tenha e faça aquilo que você gosta. Então não existe motivos pra sair daqui. Eu gosto de sair daqui pra ficar dois, três dias fora e voltar pra casa. (PROTÁSIO KONZEN, 2015)

São vários elementos utilizados na afirmação de vínculo com o local. A família representa o ponto principal, pois, a menção a filhos, netos, esposa remete a uma fixação geracional nesse espaço. Isso, juntamente com a menção a “voltar pra casa” referindo-se a voltar ao Paraguai, e ao falar dos amigos e das atividades da esposa, mostra que suas práticas cotidianas estão arraigadas nesse espaço. Percebe-se uma apropriação do território no espaço e no tempo que redefine a percepção de fronteiras políticas e socioculturais. Essa fala de Protásio é individual, mas é unívoca às dos interlocutores migrantes brasileiros da região. Cada um com sua experiência particular soma experiências e expectativas comuns que formam um discurso coletivo e simbólico sobre a territorialização de migrantes brasileiros na região.

As menções a pertencimento ao espaço são inúmeras como pode ser visto nas falas: “Santa Rita é a minha Vida”, e “Aqui está a minha vida”. Muitos migrantes dizem estar “enraizados” na região. Nesse sentido, Jaime Hammes afirma que foi fácil se adaptar e que não tiveram obstáculos, que nos finais de semana se reuniam e: “Fazíamos culto, futebol, fazíamos as tradições que trazíamos do sul, depois fomos nos adaptando a cultura Paraguaia e hoje é tudo misturado” (JAIME HAMMES, 2015). Esta fala mostra as diferentes atividades desenvolvidas no espaço – de reprodução de representações ligadas ao país de origem – e indica uma processual interação e integração com a cultura paraguaia, o que evidencia (re)construções de memórias compartilhadas entre os migrantes locais, com afirmação de pertencimento.

Percebe-se que as experiências dos migrantes brasileiros dão base para as (re)construções memoriais de vínculo com o Paraguai, e ao mesmo tempo lhes afastam do Brasil. Se mantém referenciais trazidos do país de origem, mas aos poucos se incorporam novas referências, seus descendentes já são paraguaios, e o vínculo com o país se materializa. Como é visto na fala de Leontina,

Eu gosto muito daqui. Eu fui pro Brasil esses dias e passei quase um mês. Eu não via a hora de passar a ponte. Porque eu tenho uma vida quase inteira aqui. Meus filhos se criaram aqui. Eles casaram aqui, os quatro são casados. Meus netos nasceram todos aqui. Então tu puxa pro lado da família, né. Não é tanto por gostar ou não gostar. Mas tu passa a gostar de verdade de onde tu convive com a família. Porque lá [Brasil] é a família de meus pais, e aqui é nossa família, a família que eu criei. E eles estão aqui. Eles viveram, eles choraram, eles passaram fome aqui, então eu acho que aqui é o meu lugar. Eu sempre falo: eu só iria morar no Brasil se eu ganhasse um aposento. (LEONTINA DEUNER, 2015)

Ou ainda quando Teresa diz: “Os filhos dos meus filhos já são todos paraguaios, de imigrantes ainda só restam nós e meus filhos”. Percebe-se nas falas acima que o Brasil é algo cada vez mais distante da realidade dos migrantes e a herança familiar no Paraguai é um dos principais motivos.

A menção a aposentadoria também merece atenção, pois, muitos dos migrantes com idade para se aposentar buscam esse direito no Brasil. Sendo que não têm acesso a aposentadoria no Paraguai, o que foi uma das reclamações sobre o país. Situação que também ocorre com serviço público de saúde, que muitos buscam no Brasil. Estes foram os principais motivos de retorno ao país, citados pelos interlocutores entrevistados. E notou-se que essas são práticas que ocorrem por meio das redes de relações estabelecidas entre as fronteiras. Pois, a garantia desses direitos está relacionada com a vida (contribuição, residência, etc.) no Brasil, o que o migrante nem sempre tem como comprovar. Assim, muitos não conseguem se aposentar ou optam por retornar ao Brasil para garantir o direito, mas na sua maioria, mantêm laço com o Paraguai. No caso da saúde é mais simples, os migrantes têm direitos garantidos, mas de qualquer forma, precisam passar por um processo burocrático para conseguir sua carteira do SUS. Fatos que mostram uma dependência do Brasil, principalmente, dos sujeitos sem condições econômicas.

Contudo, algumas transformações das relações com o Brasil foram observadas: a princípio os imigrantes dependiam muito do Brasil porque não se tinha infraestrutura e comércio fortalecidos na região, mas com essas necessidades atendidas o vínculo com o Brasil vai enfraquecendo; as visitas a familiares no Brasil acontecem com frequência, mas quando os familiares dos migrantes morrem o vínculo quase se quebra, as visitas ao país diminuem; os filhos de migrantes brasileiros estão, cada vez mais, optando por fazer seus

estudos universitários no Paraguai, em vez de fazer ao Brasil; e os migrantes ao falarem de regresso ao Brasil, nunca é para o local de origem e sim para alguma cidade de fronteira, como Santa Teresinha de Itaipu, São Miguel do Iguazu e Itaipulândia, as quais são consideradas tranquilas e estão próximas ao Paraguai, o que lhes permite visitar sempre o país. Como ecoam as falas “nossa vida está aqui”, o que entende-se como: nossas memórias, nossas heranças, nosso pertencimento e continuidade estão no Paraguai.

A gente gosta também do Brasil, porque somos brasileiros, nascemos lá. No começo era difícil mudar de país, imagina ser brasileiro e trocar de país. Mas para mim agora parece que no Paraguai eu estou em casa, agora já estamos muito tempo aqui, a gente se acostumou muito. Agora a gente vai para lá e é mais estranho. (MARIA PETER, 2015)

Ao exemplo desta acima, algumas narrativas são geradas para reafirmar o vínculo com o Paraguai e ao mesmo tempo relativizar o vínculo com o Brasil. Como a de Alido Batista “Como imigrante me sinto mais paraguaio que brasileiro”; a de Altemir Santin “Santa Rita é quase minha vida”; a de Mauro Leite “Brasil pra mim é exterior. [...] Me sinto Paraguaio”; a de Clair Lottermann “Eu amo meu Brasil, mas adoro meu Paraguai”; a de Leontina Deuner “Aqui é um Brasil”; a de Valeria Schneider “Não quero nem saber de voltar para o Brasil”; a de Nilson Peter, “Amo o Paraguai. É sofrido mais é divertido. Eu penso assim, se eu tivesse ficado no Brasil o que seria de nós? Nós teríamos o que temos?”; e a de Oscar Dapieve “Eu também sou paraguaio porque vim com sete anos, não vivi nada lá no Brasil. Aqui tô em casa, sei tudo as leis, as coisas.” Entende-se que essas falas são intencionais, buscam passar uma imagem, e conformam um discurso coletivo nessa sociedade. Assim, nota-se, a partir dos discursos memoriais coletivos dos migrantes brasileiros nessa região, um sentimento de pertencimento ao Paraguai.

Essas transformações dos sentimentos de pertencimento e continuidade podem ser exemplificadas com a relação que se estabelece com a Ponte da Amizade. Pois essa, em um primeiro momento da migração é relatada como a fronteira de chegada ao país, sendo o Paraguai o exterior, e agora depois de muitos anos de fixação nesse país ela é percebida como a fronteira com o Brasil. Em uma transformação identitária, que é percebida de forma individual e coletiva ao mesmo tempo, pois é moldada pelas memórias a partir das

experiências e expectativas compartilhadas. Como pode ser visto na fala de Miguel Petter, que diz,

Eu te falo sinceramente que quando eu falo que vou pra Cascavel pra ficar 15 dias no terceiro dia já quero vir embora, então eu não me acostumo mais do lado de lá. Você voltando, passou a ponte, parece que é uma sensação de que você está em casa. (MIGUEL PETTER, 2015)

Percebe-se que essa ponte além de representar o limite entre esses países é vista como a fronteira do antigo e do novo território ao qual pertencem. A “ponte”, muito mencionada pelos interlocutores, como é visto na fala de Leontina e Miguel acima, é um marco físico da fronteira e é também o marco simbólico da travessia, da adesão a outra realidade. Os interlocutores dizem que atualmente ao passar a ponte e chegar ao Paraguai, sentem-se “em casa”, “tranquilos”. A ponte mostra-se como uma ligação a uma outra identidade, que não exclui a brasileira, mas soma a paraguaia⁴.

Apesar das atividades que os migrantes ainda realizam no Brasil, como cuidados com a saúde, estudo, lazer, compras e visitas familiares, a ligação com o país de origem passa a ser cada vez mais retórica, memorial, do que de experiência. Santa Rita está próxima à fronteira o que permite acesso ao Brasil com facilidade, contudo o que se percebeu foi que há uma menor dependência do país vizinho - Brasil. É evidente sim, um múltiplo sentimento de pertencimento, um fomentado pela experiência presente e outro pela experiência passada, herdada.

Dessa forma, os migrantes brasileiros no Paraguai vivem uma transformação identitária complexa, com reordenamento das referências políticas, espaciais e históricas de acordo com suas experiências vividas. E nessa transformação a origem no Brasil e a nova adesão territorial no Paraguai estão em constante relação. Como pode ser visto, por exemplo, na fala de Protásio Konzen: “Não tem mais como abandonar o vínculo com aqui [Paraguai]. A nossa vida é aqui. Brasil é só por uma emergência de saúde. [...] Me sinto realmente como um paraguaio. Única coisa que não consigo é o futebol, no futebol sou mais brasileiro.” Esta narrativa mostra as identidades sendo utilizadas de forma situacionais, evidenciando o múltiplo sentimento de pertencimento.

⁴ Processo de transformação/reconfiguração inerente da identidade, pois esta se molda a partir do vivido (HALL, 2006; TILLEY, 2006).

A perspectiva de (re)construção no presente apoia-se na necessidade de continuidade e coerência na construção do “eu”, que – em uma situação de mudança espaço-temporal, como a gerada pela migração dos brasileiros em Santa Rita – utiliza-se da memória para manter seus vínculos e ao mesmo tempo reestruturar seus referenciais em busca da manutenção e/ou reorganização de sua identidade, tanto individual quanto coletiva.

Dessa forma, migrantes brasileiros (re)construíram memórias coletivas de ligação com o Paraguai, e ao mesmo tempo mantêm ligações com o Brasil. O vínculo de coletividade e o sentimento de pertencimento e continuidade são constituídos pelas memórias das experiências da migração, pela fixação de representações que remetem a essa realidade compartilhada, e pela reprodução e fixação familiar nesse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências, práticas e sociabilidades estabelecidas no processo de assentamento de emigrantes brasileiros em território paraguaio, em um decurso de aproximadamente 50 anos, permite perceber como a memória é fundamental para estabelecer o sentimento de pertencimento. Não é a memória de sujeitos individuais, mas a coletiva reordenada nos quadros sociais inerente a esse fenômeno migratório.

Esses quadros sociais da memória ou a metamemória do grupo de migrantes se faz visível nas representações de pertencimento ao passado de *ser brasileiro* e à resignificação do presente do *ser paraguaio* em um processo de fruição de identidades, acionadas para definir as fronteiras sociais e materiais decorrentes do processo migratório. Portanto, acionam-se ações de (re)construções de sentidos e representações que ajustam os migrantes em nova configuração de fronteiras sustentadas pelas memórias.

O estudo identifica traços e indícios de reordenamentos da memória e da identidade de um grupo de pessoas heterogêneas, mas homogeneizadas ao serem nomeadas como brasileiros em território paraguaio. Contudo, são as próprias pessoas, nos seus discursos e representações memoriais, ao acionarem as experiências, práticas e sociabilidades demonstram o esforço de nivelar as arestas das disputas de memória entre o Brasil e o

Paraguai. Percebe-se isso no acionamento do sucesso econômico, na territorialização da família, nas necessidades práticas - saúde, educação, assistência social.

As análises das representações memoriais também indicam como o grupo de migrantes tornam as fronteiras transitórias. O retorno ou retornos, entre o Brasil e Paraguai, considerando as idas e vindas destes sujeitos em várias décadas lança a possibilidade de compreender a Ponte da Amizade, como um exemplo desse espaço, a marco de acionamento das suas memórias. Ela passa a significar a referência física dos limites nacionais, mas também das fronteiras que a memória e a identidade, reordenadas no processo migratório, estabelecem.

E, por fim, é preciso destacar as premissas que o jogo da memória estabelece, quando acionado pelos sujeitos neste estudo. Identifica-se que este jogo se insere dentro dos quadros sociais que são referências aos informantes, ressignificadas no tempo e espaço. Corrobora, portanto, as ações inerentes às lutas de representações em torno do transmitir, receber, fundar e constituir memórias do/para o grupo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. Lindomar. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, V. 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009.

BALLER, Leandro. *FRONTEIRA E FRONTEIRIÇOS: A construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)*. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/ FCH/ UFGD). Dourados, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2001.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo, Contexto, 2011.

CARRÓN Juan M.; SILVA, Marcia Regianada. La frontera Paraguay-Brasil, integración económica y desintegración social. *Población y Desarrollo*, Asunción, n.33, p. 9-22, 2006.

COSTA, Jessica Ausier da. As relações bilaterais Brasil-Paraguai e a problemática dos “brasiguaios”. *Revista Habitus*, Rio de Janeiro, v.7, n.1 , p.56-71, 2009.

DGEEC, Paraguay. Proyección de la población por sexo y edad, según distrito, 2000-2025. Asunción, Revisión 2015. Disponível em: <https://www.dgeec.gov.py/default.php?publicacion=2>. Acesso em acesso em: 17 abril de 2017.

FABRINI, João E. Conflitos de terra na fronteira Brasil-Paraguai e luta dos brasiguaios. In: *Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária*, Uberlândia, p.1-20, 2012.

FAZENDA, Ivani Catarina A. (org.). *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008.

FELDMAN-BIANCO, Bela. (Re)construindo a saudade Portuguesa em vídeo: histórias orais, artefactos visuais e tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica In: *Revista crítica de ciências sociais*. - Nº 45, p. 113-126, 1996.

FERRARI, Carlos Alberto. *Dinâmica territorial na(s) fronteira(s):Um estudo sobre a expansão do agronegócio e a exploração dos brasiguaios no norte do Departamento de Alto Paraná – Paraguai*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Shaffter. São Paulo. ED. Vértice. 1990.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JARDIM, Denise Fagundes. *Palestinos no Extremo Sul do Brasil: Identidade Étnica e os Mecanismos Sociais de Produção da Etnicidade*. Chuí/RS. Tese de doutorado/PPGAS/UFRJ/MN, 2000.

ODDONE, H., *Perfil migratorio del Paraguay*. Buenos Aires, Organización Internacional para las Migraciones. 2011.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

SILVA, Henrique M. Teuto-brasiguaios no oriente paraguaio: alguns apontamentos sobre as condicionantes históricas da formação de uma fronteira de caráter binacional. *Diálogos*, Maringá, v.9, n.3, p.167-184, 2005.

SOUCHAUD, Sylvain. *Geografía de la migración brasileira em Paraguay*. Asunción: Editorial UNFPA, 2007.

SPRANDEL, Márcia Anita. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

SZEKUT, Andressa. *Migrantes brasileiros no distrito de Santa Rita, departamento de Alto Paraná, Paraguai: memórias, representações e territorialização*. 344 f. TESE (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2018.

SZEKUT, Andressa; EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. “Aquí todos somos migrantes o hijos de migrantes, tanto los brasileños como los paraguayos”: Memórias de migrantes brasileiros sobre a situação de colonização recente no distrito de santa rita, departamento de alto paraná, paraguai. *Fronteiras: Revista de História*. Dourados, MS. v. 19, n. 34, p. 319 – 352, Jul. / Dez. 2017.

SZEKUT, Andressa; EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. A presença de brasileiros na recente colonização do Paraguai. *Mediações*, Londrina, 21 (2): 303-331, 2016.

SZEKUT, Andressa; EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Memória e Identidade em um Espaço de Migração: Fronteiras em Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. *Revista História em Reflexão*, V. 9, Nº 18 - jul/dez - 2015.

TEDESCO, João Carlos. *Passado e Presente em Interfaces: Introdução a uma análise sócio histórica da memória*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Xanxerê Ed. UNOESC; Porto Alegre, Suliani Letras & Vida, 2012.

TILLEY, Christopher. Identity, Place, Landscape and Heritage. *Journal of Material Culture*, (11): 1/2, 7-32, 2006.

VÁZQUEZ, Fabricio. *Territorio y Población: nuevas dinámicas regionales en el Paraguay*. Asunción: Asociación Paraguaya de Estudios de Población – ADEPO, 2006. (Serie Investigaciones – Población y Desarrollo, v.III)

WWF, *Paraguay. Derechos Canjeables en la cuenca del Ñacunday. La Adecuación Legal Forestal como alternativa sustentable para Santa Rita*. Disponível em: http://www.wwf.org.py/que_hacemos/proyectos/programa_de_adequacion_legal/cuenca_del_nacunday/. Acesso em: 24 de março de 2017.

Fontes Orais

Alido Schmidt Batista. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 08/07/2015.

Altemir Santin. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 11/06/2015.

Clair Tereza Lottermann. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 19/05/2015.

Francisco Antonio Mesomo. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 15 e 29/07/2015.

Jaime Hammes. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 03/06/2015.

Leontina Deuner Rosceti. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 26/05/2015.

Maria Peter. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22/05/2015.

Mauro Leite de Almeida. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 23/06/2015.

Miguel Petter. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22/07/2015.

Nilson Peter. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22/05/2015.

Oscar Dapieve. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 08/07/2015.

Protásio José Konsen. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 27/05/2015.

Terezinha Birnfeldt dos Santos. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 16/07/2015.

Valeria Schneider. Entrevista. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 01/05/2015.

